



República Federativa do Brasil DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XLVII — Nº 61

SEXTA-FEIRA, 27 DE NOVEMBRO DE 1992

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 57^a SESSÃO CONJUNTA, EM 26 DE NOVEMBRO DE 1992

Sessão solene destinada a reverenciar a memória do Deputado Ulysses Guimarães.

Ata da 57^a Sessão Conjunta, em 26 de novembro de 1992

2^a Sessão Legislativa Ordinária, da 49^a Legislatura

Presidência do Sr. Mauro Benevides

ÀS 10 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS.
SENADORES:

Affonso Camargo — Almir Gabriel — Aluizio Bezerra — Antonio Mariz — Áureo Mello — Bello Parga — Beni Veras — Carlos De'Carli — Cid Sabóia de Carvalho — Darcy Ribeiro — Dario Pereira — Divaldo Suruagy — Eduardo Suplicy — Elcio Álvares — Esperidião Amin — Epitácio Cafeteira — Flaviano Melo — Francisco Rollemburg — Garibaldi Alves — Gerison Camata — Guilherme Palmeira — Henrique Almeida — Humberto Lucena — Hydekel Freitas — Iram Saraiva — Irapuan Costa Júnior — Jarbas Passarinho — João Calmon — João França — João Rocha — José Paulo Bisol — José Richa — José Sarney — Jutahy Magalhães — Lavoisier Maia — Levy Dias — Lourenberg Nunes Rocha — Lourival Baptista — Lucídio Portela — Luiz Alberto — Magno Bacelar — Mansueto de Lavor — Márcio Lacerda — Marco Maciel — Mário Covas — Mauro Benevides — Meira Filho — Moisés Abrão — Nabor Júnior — Nelson Wedekin — Ney Maranhão — Onofre Quinan — Pedro Simon — Pedro Teixeira — Rachid Saldanha Derzi — Raimundo Lira — Ronaldo Aragão — Ronan Tito — Ruy Bacelar — Teotônio Vilela Filho — Valmir Campelo.

RORAIMA

AVENIR ROSA
JOAO FAGUNDES
JULIO CABRAL
MARCELO LUZ

PDC
PMDB
BLOCO 2
BLOCO 2

AMAPÁ

AROLDO GOES
GILVAM BORGES
LOURIVAL FREITAS
VALDENOR GUEDES

PDT
PMDB
PT
BLOCO 2

PARA'

ALACID NUNES
DOMINGOS JUVENIL
ELIEL RODRIGUES

BLOCO 1
PMDB
PMDB

EXPEDIENTE

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

MANOEL VILELA DE MAGALHÃES
Diretor-Geral do Senado Federal
AGACIEL DA SILVA MAIA
Diretor Executivo
CARLOS HOMERO VIEIRA NINA
Diretor Administrativo
LUIZ CARLOS BASTOS
Diretor Industrial
FLORIAN AUGUSTO COUTINHO MADRUGA
Diretor Adjunto

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Semestral Cr\$ 70.000,00

Tiragem 1.200 exemplares

GERSON PERES	PDS	EDMUNDO GALDINO	PSDB
GIOVANNI QUEIROZ	PDT	FREIRE JUNIOR	BLOCO 1
HERMINIO CALVINHO	PMDB	LEOMAR QUINTANILHA	PDC
HILARIO COIMBRA	BLOCO 1	OSVALDO REIS	BLOCO 2
JOSE DIOGO	PDS	PAULO MOURAO	PDS
NICIAS RIBEIRO	PMDB		
OSVALDO MELO	PDS		
PAULO ROCHA	PT	MARANHAO	
PAULO TITAN	PMDB	CESAR BANDEIRA	BLOCO 1
SOCORRO GOMES	PCdoB	CID CARVALHO	PMDB
VALDIR GANZER	PT	COSTA FERREIRA	BLOCO 2
AMAZONAS			
EULER RIBEIRO	PMDB	DANIEL SILVA	PDS
PAUDERNEY AVELINO	PDC	JAYME SANTANA	PSDB
RICARDO MORAES	PT	JOAO RODOLFO	PDS
RONDONIA			
ANTONIO MORIMOTO	BLOCO 1	JOSE CARLOS SABOIA	PSB
MAURICIO CALIXTO	BLOCO 1	NAN SOUZA	BLOCO 2
NOBEL MOURA	BLOCO 2	PEDRO NOVAIS	PDC
RAQUEL CANDIDO	BLOCO 1	RICARDO MURAD	BLOCO 1
REDITARIO CASSOL	BLOCO 2		
ACRE			
ADELAIDE NERI	PMDB	ARIOSTO HOLANDA	PSDB
JOAO MAIA	BLOCO 2	EDSON SILVA	PDT
JOAO TOTA	PDS	ERNANI VIANA	PSDB
MAURI SERGIO	PMDB	JOSE LINHARES	PSDB
RONIVON SANTIAGO	BLOCO 1	LUIZ GIRAO	PDT
ZILA BEZERRA	PMDB	MARCO PENAFORTE	PSDB
TOCANTINS			
DERVAL DE PAIVA	PMDB	MAURO SAMPAIO	PSDB
		MORONI TORGAN	PSDB
		PINHEIRO LANDIM	PMDB
		SERGIO MACHADO	PSDB
PIAUI			
		CIRO NOGUEIRA	BLOCO 1
		JESUS TAJRA	BLOCO 1
		JOAO HENRIQUE	PMDB
		JOSE LUIZ MAIA	PDS

MUSSA DEMES	BLOCO 1	BAHIA	
PAES LANDIM	BLOCO 1		
RIO GRANDE DO NORTE		ALCIDES MODESTO	PT
		ANGELO MAGALHAES	BLOCO 1
		BERALDO BOAVVENTURA	PDT
ALUIZIO ALVES	PMDB	CLOVIS ASSIS	PDT
FERNANDO FREIRE	PDS	FELIX MENDONCA	BLOCO 1
HENRIQUE EDUARDO ALVES	PMDB	GEDDEL VIEIRA LIMA	PMDB
NEY LOPES	BLOCO 1	GENEBALDO CORREIA	PMDB
		HAROLDO LIMA	PCdoB
PARAIBA		JABES RIBEIRO	PSDB
		JAIRO AZI	PDC
EFRAIM MORAIS	BLOCO 1	JAIRO CARNEIRO	BLOCO 1
EVALDO GONCALVES	BLOCO 1	JAQUES WAGNER	PT
JOSE LUIZ CLEROT	PMDB	JOAO ALMEIDA	PMDB
RIVALDO MEDEIROS	BLOCO 1	JOAO ALVES	PDS
VITAL DO REGO	PDT	JOAO CARLOS BACELAR	S/P
ZUCA MOREIRA	PMDB	JONIVAL LUCAS	PDC
		JORGE KHOURY	BLOCO 1
PERNAMBUCO		JOSE CARLOS ALELUIA	BLOCO 1
		JOSE FALCAO	BLOCO 1
ALVARO RIBEIRO	PSB	LEUR LOMANTO	BLOCO 1
FERNANDO BEZERRA COELHO	PMDB	LUIZ MOREIRA	BLOCO 1
GILSON MACHADO	BLOCO 1	MANOEL CASTRO	BLOCO 1
INOCENCIO OLIVEIRA	BLOCO 1	NESTOR DUARTE	PMDB
JOAO COLACO	BLOCO 2	PEDRO IRUJO	BLOCO 1
JOSE MENDONCA BEZERRA	BLOCO 1	RIBEIRO TAVARES	PL
JOSE MOURA	BLOCO 1	SERGIO BRITO	PDC
LUIZ PIAUHYLINO	PSB	SERGIO GAUDENZI	PDT
PEDRO CORREA	BLOCO 1	TOURINHO DANTAS	BLOCO 1
RENILDO CALHEIROS	PCdoB	UBALDO DANTAS	PSDB
RICARDO FIUZA	BLOCO 1	ULDURICO PINTO	PSB
ROBERTO FRANCA	PSB	WALDIR PIRES	PDT
ROBERTO MAGALHAES	BLOCO 1		
SERGIO GUERRA	PSB	MINAS GERAIS	
WILSON CAMPOS	PMDB	AGOSTINHO VALENTE	PT
		ALOISIO VASCONCELOS	PMDB
ALAGOAS		ALVARO PEREIRA	PSDB
		ARACELY DE PAULA	BLOCO 1
AUGUSTO FARIA	BLOCO 1	ARMANDO COSTA	PMDB
JOSE THOMAZ NONO	PMDB	CAMILO MACHADO	BLOCO 1
MENDONCA NETO	PDT	CELIO DE CASTRO	PSB
		ELIAS MURAD	PSDB
SERGIPE		FELIPE NERI	PMDB
		FERNANDO DINIZ	PMDB
BENEDITO DE FIGUEIREDO	S/P	GENESIO BERNARDINO	PMDB
CLEONANCIO FONSECA	BLOCO 1	GETULIO NEIVA	PL
DJENAL GONCALVES	PDS	HUMBERTO SOUTO	BLOCO 1
MESSIAS GOIS	BLOCO 1	IBRAHIM ABI-ACKEL	PDS
PEDRO VALADARES	BLOCO 2	IRANI BARBOSA	PSD
		ISRAEL PINHEIRO	PRS
		JOSE ALDO	PRS

JOSE BELATO	PMDB	REGINA GORDILHO	S/P
JOSE GERALDO	PMDB	ROBERTO CAMPOS	PDS
JOSE SANTANA DE VASCONCELLOS	BLOCO 1	ROBERTO JEFFERSON	BLOCO 1
LEOPOLDO BESSONE	BLOCO 2	RUBEM MEDINA	BLOCO 1
LUIZ TADEU LETTE	PMDB	SERGIO AROUCA	PCB
MARCOS LIMA	PMDB	SERGIO CURY	PDT
ODELMO LEAO	BLOCO 1	SIDNEY DE MIGUEL	PV
OSMANIO PEREIRA	PSDB	SIMAO SESSIM	BLOCO 1
PAULO DELGADO	PT	VIVALDO BARBOSA	PDT
PAULO HESLANDER	BLOCO 1	VLADIMIR PALMEIRA	PT
PEDRO TASSIS	PMDB	WANDA REIS	S/P
SAMIR TANNUS	PDC		
SAULO COELHO	PSDB	SAO PAULO	
SERGIO NAYA	PMDB		
TILDEN SANTIAGO	PT	ALBERTO HADDAD	BLOCO 2
VITTORIO MEDIOLI	PSDB	ALDO REBELO	PCdoB
WILSON CUNHA	BLOCO 1	ALOIZIO MERCADANTE	PT
ZAIRES REZENDE	PMDB	BETO MANSUR	PDT
		CARDOSO ALVES	BLOCO 1
ESPIRITO SANTO		CARLOS NELSON	PMDB
		DELFIN NETTO	PDS
ALOIZIO SANTOS	PDT	EDUARDO JORGE	PT
EDEVALDA GRASSI DE MENEZES	PMDB	ERNESTO GRADELLA	S/P
JOAO BAPTISTA MOTTA	PSDB	EUCLIDES MELLO	BLOCO 1
JONES SANTOS NEVES	PL	FABIO MEIRELLES	PDS
JORIO DE BARROS	PMDB	GERALDO ALCKMIN FILHO	PSDB
NILTON BALIANO	PMDB	HEITOR FRANCO	BLOCO 1
RONALDO CAMATA	PMDB	HELIO BICUDO	PT
ROBERTO VALADAO	PMDB	HELIO ROSAS	PMDB
		IRMA PASSONI	PT
RIO DE JANEIRO		JOSE CICOTE	PT
		JOSE DIRCEU	PT
ALDIR CABRAL	BLOCO 1	JOSE MARIA EYMAEL	PDC
ALVARO VALLE	PL	KOYU IHA	PSDB
AMARAL NETTO	PDS	LIBERATO CABOCLO	PDT
AROLDE DE OLIVEIRA	BLOCO 1	LUIZ GUSHIKEN	PT
ARTUR DA TAVOLA	PSDB	MAGALHAES TEIXEIRA	PSDB
CARLOS ALBERTO CAMPISTA	PDT	MANOEL MOREIRA	PMDB
CARLOS LUPI	PDT	MARCELO BARBIERI	PMDB
CYRO GARCIA	PT	MAURICI MARIANO	PMDB
FRANCISCO SILVA	BLOCO 2	MENDES BOTELHO	BLOCO 1
JAIR BOLSONARO	PDC	PAULO NOVAES	PMDB
JANDIRA FEGHALI	PCdoB	ROBERTO ROLLEMBERG	PMDB
JOAO MENDES	BLOCO 1	ROBSON TUMA	PL
JOSE VICENTE BRIZOLA	PDT	VADAO GOMES	BLOCO 1
JUNOT ABI-RAMIA	PDT	VALDEMAR COSTA	PL
LAERTE BASTOS	PDT	WALTER NORI	PMDB
LAPROVITTA VIEIRA	PMDB		
MARCIA CIBILIS VIANA	PDT	MATO GROSSO	
MARINO CLINGER	PDT		
PAULO PORTUGAL	PDT	JOAO TEIXEIRA	PL
PAULO RAMOS	PDT	JOAQUIM SUCENA	BLOCO 1

JOSE AUGUSTO CURVO	PL	REINHOLD STEPHANES	BLOCO 1
RODRIGUES PALMA	BLOCO 1	RENATO JOHNSON	S/P
WELLINTON FAGUNDES	PL	SAID FERREIRA	PMDB
DISTRITO FEDERAL			
SANTA CATARINA			
AUGUSTO CARVALHO	PCB	ANGELA AMIN	PDS
CHICO VIGILANTE	PT	CESAR SOUZA	BLOCO 1
MARIA LAURA	PT	DEJANDIR DALPASQUALE	PMDB
OSORIO ADRIANO	BLOCO 1	DERCIO KNOP	PDT
PAULO OCTAVIO	BLOCO 1	EDUARDO MOREIRA	PMDB
SIGMARINGA SEIXAS	PSDB	HUGO BIEHL	PDS
GOIAS			
ALANO DE FREITAS	PMDB	JARVIS GAIDZINSKI	PL
ANTONIO DE JESUS	PMDB	LUIZ HENRIQUE	PMDB
ANTONIO FALEIROS	PSDB	NELSON MORRO	BLOCO 1
JOAO NATAL	PMDB	NEUTO DE CONTO	PMDB
LUCIA VANIA	PMDB	ORLANDO PACHECO	BLOCO 1
LUIZ SOYER	PMDB	RENATO VIANNA	PMDB
MAURO MIRANDA	PMDB	VASCO FURLAN	PDS
PEDRO ABRAO	BLOCO 2	RIO GRANDE DO SUL	
RONALDO CAIADO	BLOCO 1	ADAO PRETTO	PT
VIRMONDES CRUVINEL	PMDB	ADROALDO STRECK	PSDB
ZE GOMES DA ROCHA	BLOCO 1	ADYLSON MOTTA	PDS
MATO GROSSO DO SUL			
ELISIO CURVO	BLOCO 1	ARNO MAGARINOS	BLOCO 1
GEORGE TAKIMOTO	BLOCO 1	CARLOS AZAMBUJA	PDS
JOSE ELIAS	BLOCO 1	FETTER JUNIOR	PDS
NELSON TRAD	BLOCO 1	GERMANO RIGOTTO	PMDB
VALTER PEREIRA	PMDB	HILARIO BRAUN	PMDB
PARANA			
ANTONIO BARBARA	BLOCO 1	IBSEN PINHEIRO	PMDB
ANTONIO UENO	BLOCO 1	IVO MAINARDI	PMDB
BASILIO VILLANI	PDS	JOAO DE DEUS ANTUNES	PDS
CARLOS SCARPELINI	BLOCO 2	JORGE UEQUED	PSDB
DELCINO TAVARES	BLOCO 2	JOSE FORTUNATI	PT
EDI SILIPRANDI	PDT	LUIS ROBERTO PONTE	PMDB
ELIO DALLA-VECCCHIA	PDT	MENDES RIBEIRO	PMDB
FLAVIO ARNS	PSDB	NELSON JOBIM	PMDB
JONI VARISCO	PMDB	NELSON PROENCA	PMDB
LUIZ CARLOS HAULY	BLOCO 2	ODACIR KLEIN	PMDB
MUNHOZ DA ROCHA	PSDB	OSVALDO BENDER	PDS
OTTO CUNHA	BLOCO 1	PAULO PAIM	PT
PAULO BERNARDO	PT	TELMO KIRST	PSDB
PEDRO TONELLI	PT	VALDOMIRO LIMA	PDT
PINGA FOGO DE OLIVEIRA	BLOCO 1	VICTOR FACCIONI	PDS
		WILSON MULLER	PDT

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Declaro aberta a presente sessão, que objetiva reverenciar a memória do extraordinário brasileiro Deputado Ulysses Guimarães.

Convidado todos os presentes para, de pé, ouvirem o Hino Nacional e, em seguida, o Toque de Silêncio, em homenagem a Ulysses Guimarães.

(São executados, nas galerias, o Hino Nacional e o Toque de Silêncio. Faz-se um minuto de silêncio.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Excelentíssimo Senhor Doutor Itamar Franco, Vice-Presidente, em exercício no cargo de Presidente da República, depositário, hoje, das esperanças do povo brasileiro, para a ultrapassagem das dificuldades registradas na área econômico-social do nosso País;

Exmº Sr. Deputado Ibsen Pinheiro, Presidente da Câmara dos Deputados, com quem divido as responsabilidades de comandar o Congresso Nacional, Presidente que é S. Exª de uma das Casas do nosso Parlamento;

Exmº Sr. Ministro Sydney Sanches, figura exponencial da magistratura brasileira, Presidente do Supremo Tribunal Federal;

Exmº Sr. Governador do Distrito Federal Joaquim Roriz; Exmº Sr. Governador de Goiás Dr. Iris Rezende;

S. Emº Revma., o Cardeal de Brasília Dom José Freire Falcão;

Exmº Sr. Presidente do Conselho Interparlamentar Michael Marchal, em quem saúdo todas as delegações estrangeiras que ocupam o andar superior do plenário da Câmara dos Deputados;

Exmºs Srs. Ministros de Estado;

Exmºs Srs. Embaixadores;

Exmºs Srs. Ministros dos Tribunais Superiores;

Exmº Sr. Dr. Tito Henrique da Silva Neto;

Exmº Srª Celina Campelo, demais parentes de Ulysses Guimarães:

Srs. Congressistas:

Reservou-me o destino, ao longo desses dois anos, às vezes o ónus difícil, às vezes o privilégio honroso, de ocupar a cadeira da Presidência do Congresso como tribuna de alguns dos mais importantes pronunciamentos da vida parlamentar do País.

Nesta manhã, porém — perdoem-me os nobres colegas e ilustres convidados —, não sei se falará mais alto o tom oficial e solene da homenagem que lhe prestamos, ou a voz comovida e pungente do coração, dos sentimentos pessoais que confundem a própria memória dos meus passos políticos com a memória de Ulysses Guimarães.

Ainda há poucos dias, um de nossos companheiros, repetindo a pergunta perplexa do herói de um dos romances de Gilberto Amado, que não podia compreender o mundo sem Emílio — protagonista maior da aventura novelesca daquele escritor —, indagava também: — Como poderemos compreender o nosso Brasil, o nosso Congresso, o nosso mundo político, sem Ulysses Guimarães?

Esta Casa, como os últimos 30 anos da vida pública brasileira, está povoada não apenas com a presença cívica, moral e espiritual do grande homem que perdemos, mas até pela lembrança viva de sua imagem física, a serena evocação do seu rosto inconfundível, os seus olhos de vidente político, seu perfil delgado de Dom Quixote da democracia. Para onde nos voltarmos, nos corredores e nas salas que diariamente percorremos, parece surgir-nos pela frente o vulto inesquecível de Ulysses Guimarães. Cada um de nós, ao contemplar sobre este imponente recinto, sobre outras dependências onde ele foi o mestre dos pareceres, dos votos e da própria Constituição que nos rege, não pode deixar de estremecer diante da impressão de que entre nós há uma cadeira vazia. De que falta alguém nos gabinetes e nos corredores da Câmara e nas bancadas do plenário. Falta Ulysses Guimarães.

Na verdade, Srs. Congressistas, não me acode à mente, depois que ele nos deixou, expressão mais correta que aquela do celebrante das exéquias de Felipe II, na capela do Escorial: “Aquele que era até ontem a maior presença da Espanha, é hoje a sua mais alta ausência”.

Presença mais alta de nossa vida nacional, Ulysses Guimarães é hoje a mais alta ausência neste País.

Os escritores e artistas de Viena se reuniram uma vez para escolher uma legenda que deveriam inscrever no monumento de um dos heróis de sua cidade. Afinal, escolheram uma frase: “Sempre o mesmo”. Se tivéssemos que cunhar uma inscrição em monumento a Ulysses Guimarães, creio que nenhuma outra seria mais adequada. Ele foi sempre o mesmo, em toda a sua carreira política, sempre fiel à bandeira que abraçou, desde os dias de estudante, sem outra ambição que há de servir à liberdade e à democracia. Seus primeiros e últimos passos na vida pública, iniciada com a redemocratização do País, após a queda do Estado Novo, em 1945, foram um gesto de fidelidade permanente ao primeiro partido que escolheu — o nosso velho e glorioso PSD —, talvez a mais alta escola de sabedoria política da história republicana. Quando o arbítrio do regime autoritário determinou a mudança da sigla partidária, foi ele um dos protagonistas maiores da nova legenda que abrigaria os correligionários da primeira hora, sob a sigla do MDB e, depois, do PMDB.

Sucedeu a Oscar Passos, como segundo Presidente do MDB. Desde então, tive o privilégio de ser sempre por ele convocado para a Executiva Nacional do Partido. Só deixou sua presidência quando entendeu que deveria partir para novas batalhas — a campanha do parlamentarismo, entre elas — a fim de consolidar a unidade da agremiação. Da mesma forma, Presidente da Câmara tantas vezes quantas convocado pelos companheiros, nessa condição cumpriu a missão histórica de presidir a Assembléia Nacional Constituinte. Ocupando a seu lado a vice-presidência do órgão que nos daria a Carta Magna regedora de nossas instituições, aprendi a conhecer e admirar, a cada dia, a dedicação com que sacrificou suas horas e seus minutos a essa obra que alicerça a estabilidade do regime político e jurídico da Nação.

Nos últimos meses, o infatigável batalhador não se deu ao repouso dos guerreiros, entregou-se a uma nova campanha e, presidente nato de todas as aspirações e das instituições que sabiamente comandava, partiu para a campanha do plebiscito que pretende propor ao País o regime parlamentarista.

Estariam enganados os que supusessem ser nele a flamboyante apenas um idealismo romântico, alheio ao apelo dos tempos novos. Eis uma de suas lições, em seu relembrado discurso da anticandidatura de 1973: — “O desenvolvimento é o desafio da atual geração, pois ou o Brasil se desenvolve, ou desaparecerá”. A liberdade e a justiça social não são meras consequências do desenvolvimento. Integram a condição insubstituível de sua procura, o pré-requisito de sua formulação, a humanidade de sua destinação. A liberdade e a justiça social conformam a face mais bela, generosa e providencial do desenvolvimento, aquela que olha para os despossuídos, os subassalariados, os desempregados, os ocupados em ínfimo ganha-pão ocasional e incerto, enfim, para a imensa maioria dos que precisam, para sobreviver, em lugar da escassa maioria que tem para esbanjar.

Esse é o desenvolvimento preconizado pela Carta das Nações Unidas, e que se propõe a libertar o homem do medo e da necessidade. É o perfilhado na Encíclica **Populorum Progressio**, isto é, prosperidade do povo, não do Estado, que lhe é conseqüária, cunhando seu protótipo na sentença lapidar: — “O desenvolvimento é o novo nome da paz”.

Continuo citando o discurso histórico de Ulysses: — “Desenvolvimento sem liberdade e justiça social não têm esse nome. É crescimento ou inchação, é empilhamento de coisas e valores, é estocagem de serviços, utilidades e divisas, estranhas ao homem e a seus problemas”... A grandeza do homem é mais importante do que a grandeza do Estado, porque a felicidade do homem é a obra-prima do Estado”.

Srs. Congressistas, não sei se alonguei-me em citações de nosso grande líder. Mas creio que não há homenagem maior que a de haurir suas lições, as passagens do ideário político que dão o corte e o perfil do estadista que foi Ulysses Guimarães. Pois, o companheiro que perdemos era um estadista.

José Maria Belo, em sua magnífica “História da República”, observa que a política não é uma carreira. “Se a política fosse uma carreira, e essa carreira tivesse lógica — diz ele —, Antônio Carlos teria sido Presidente da República em 1930”. Com efeito: se a política fosse tal, e essa carreira tivesse lógica, Ulysses Guimarães teria sido Presidente da República. Com sua sabedoria e sua grandeza moral, o País não teria passado os momentos cruciais que viveu até bem pouco tempo.

Trágicamente desaparecido, continua, porém, perto de nós, como o nome tutelar desta Casa que tanto amou e a que tanto serviu. Mas ele mesmo já o dissera no discurso famoso da anticandidatura: “A caravela vai partir. As velas estão pandas de sonhos, aladas de esperança. O ideal está ao leme e o desconhecido se desata à frente. E conclui: “Navegar é preciso. Viver não é preciso”.

Posto hoje no alto da Gávea, espero em Deus que breve possa gritar ao povo brasileiro: “Alvíssaras, meu Capitão. Terra à vista”.

“Sem sombra, medo e pesadelo, à vista a terra limpa e abençoada da liberdade.”

Essa, portanto, é a homenagem que prestamos, neste instante, ao grande Presidente Ulysses Guimarães, que continua a ser aquela figura excepcional da vida pública, permitindo-nos seguir os seus exemplos e admirando o trabalho extraordinário que desenvolveu em favor do nosso País. (Muito bem! Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Senador Pedro Simon, que falará pelo Senado Federal, nesta homenagem do Congresso Nacional ao grande brasileiro Ulysses Guimarães.

O SR. PEDRÔ SIMON (PMDB — RS) — Pronuncia o seguinte discurso.) — Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Dr. Itamar Franco;

Exmº Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Mauro Benevides;

Exmº Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Ibsen Pinheiro;

Exmº Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Sydney Sanches;

Srs. Ministros, Srs. Embaixadores, delegações estrangeiras de parlamentares que nos honram com suas presenças, distintas autoridades, Srs. Congressistas, familiares de Ulysses Guimarães, Tito Henrique, Celina e demais familiares:

Há um grande silêncio neste plenário. Há uma grande ausência nestas salas e corredores. Não obstante o silêncio e a ausência, silêncio que perturba os nossos ouvidos, a ausência que fere os nossos olhos, a voz forte de Ulysses Guimarães ecoa na consciência moral deste Parlamento, de nosso povo e do nosso tempo.

Quanto maior o silêncio em nossos tímpanos, quanto maior o vazio à frente de nossos olhos, tanto mais vigorosa a sua palavra, portadora de idéias claras na coragem, tanto maior a sua figura, elevada e sólida, cujos passos cadenciados serviam de símbolo à marcha histórica destas Casas Parlamentares.

Ele não deixou sombras detrás dos seus passos, e sim uma esteira de luzes.

Há homens que nascem para contemplar o mundo e há homens que nascem para construir o mundo.

Como todas as coisas deste Universo que não entendemos, cuja aparência e essência são insondável mistério, o mundo social é um processo, é alguma coisa que se faz todos os dias.

Há homens que se contentam com a rotina, com as muralhas erguidas pela brevidade da vida, e a consomem na volúpia da ostentação.

Há homens para os quais o poder é mera licença para o hedonismo. E há homens, como Ulysses Guimarães, para os quais a alegria está na luta pela ordem que se funda na justiça, pela liberdade que se alicerça no respeito sagrado ao direito alheio.

Ulysses foi o construtor, como foi — e a metáfora se impõe, inarredável — o navegador. Coube-lhe retirar de seu descanso, na admirável biografia que Plutarco traça de Pompeu, a admoestação do grande general aos tripulantes de naves romanas, de que a vida não é necessária, necessária é a navegação (*Navigare necesse est, vivere non est necesse*).

O seu desaparecimento, arrepia-nos a coincidência, confirma-lhe a coragem e a disposição de servir. Tal como Pompeu, diante o porto de Siracusa, ele podia recensear as nuvens que pesavam, negras, sobre o mar, e os ventos que se fechavam para abrirem-se, enlouquecidos, na tormenta.

As horas, porém, exigiam a sua presença, reclamavam os seus conselhos, como no passado, a população de Roma aguardava o trigo da Sicília. Era preciso navegar, e Ulysses embarcou-se no frágil aparelho, mais frágil do que as embarcações romanas de Pompeu, em companhia de Mora, Severo e Henrique.

A frase de Pompeu não pode, porém, aplicar-se às novas circunstâncias que nos sitiam. Era preciso navegar, sim, mas, mais do que navegar, era preciso que Ulysses vivesse. Era preciso navegar e era preciso viver.

Daqui desta tribuna, vejo-o, ainda, a nos orientar “com a embriaguez da aventura no coração, pando de sonhos e alado de esperanças”, como fez em tantas oportunidades, indiferente aos riscos próprios das empreitadas cívicas pois, como disse, em 1973, quando lançado “anticandidato” à Presidência da República:

“A estátua dos estadistas não é forjada pelo varejo da rotina ou pela fisiologia do quotidiano.”

De fato as miudezas e o ramerrão jamais o seduziram. Envolto por seus ideais de liberdade e de democracia, viveu como poucos: sinceramente comprometido e preocupado com as causas maiores do País. Em um de seus últimos discursos, proclamou esse elemento da própria personalidade, quando

exortou: "VAMOS CUIDAR DAS GRANDES COISAS. FICA PEQUENO QUEM SE ENVOLVE COM COISAS PEQUENAS."

Cidadão de idéias e político de ideais, em pleno arbítrio vislumbrou para si uma tarefa e um desafio: reconduzir o Brasil ao estado de direito.

Surgiu, então, o grande intérprete das vontades da sociedade. A partir de 1968, logo após a edição do Ato Institucional nº 5, entregou-se a faina que chamou mudanças.

Perante a Convenção Nacional do PMDB, em setembro de 1973, ao oficializar a anticandidatura, explicou:

"O paradoxo é o signo da presente sucessão Presidencial brasileira. Na situação, o anunciado como candidato, em verdade, é o Presidente. Não aguarda a eleição e sim a posse. Na oposição também não há candidato, pois não pode haver candidato a lugar de antemão provido. (...) A inviabilidade da candidatura oposicionista testemunhará perante a Nação e perante o mundo que o sistema não é democrático, de vez que tanto quanto dure este, a atual situação sempre será governo.

Perenidade impossível quando o Poder é consentido pelo escrutínio direto, universal e secreto, em que a alternatividade de partidos é a regra, consoante ocorre nos países civilizados. Não é o candidato quem vai percorrer o país. É o anticandidato, para denunciar a antieleição, imposta pela anticonstituição que homizia o AI — 5, submete o Legislativo e o Judiciário ao Executivo, possibilita prisões desamparadas pelo **habeas corpus** e condenações sem defesa, profana a indevassabilidade dos lares e das empresas pela escuta clandestina, torna inaudíveis as vozes discordantes porque ensurdece a Nação pela censura à imprensa, ao rádio, à televisão e ao cinema."

Durante uma viagem à Bahia, as forças do regime foram acionadas para intimidá-lo. Policiais fortemente armados, tendo à frente cães raivosos que ladravam ameaçadoramente, barraram-lhe o caminho.

Numa fração de segundo, percebeu que de sua atitude dependia o futuro da democracia e, por consequência, da Nação. Empertigou-se, pisou firme, foi em frente e bradou com determinação:

"Respeitem o Presidente da Oposição."

Os soldados entreolharam-se, desorientados. Os oficiais, atônitos, deram a contra-ordem. Mais uma vez, a força do ideal derrotou o poder da força.

A homenagem que o Congresso, tendo à frente o ilustre Presidente Ibsen Pinheiro, faz a Ulysses Guimarães, dando a este plenário seu nome, é tão espontânea, é tão natural que a Nação a aceita com carinho, mas sem alarde.

Ulysses foi, em primeiro lugar, o cidadão. E cidadão com tal consciência que se tornou político.

Na política, foi sempre homem de Parlamento. Poucos, como ele, sentiram este recinto com a sacralidade que o envolve. Não o perturbavam as fraquezas de alguns, porque ele sabia que a legitimidade da representação não admite quaisquer restrições à escolha eleitoral.

O parlamento reflete a sociedade dentro do seu tempo. Os compromissos éticos e o saber de cada legislatura se submetem, em seu todo, aos compromissos e ao saber da geração que a elege. Mas ele sabia, como todos sabemos, que a imensa maioria dos representantes do povo é fiel ao mandato recebido.

É preciso dizer bem claro, Sr. Presidente, e essa era a convicção de Ulysses, que o vício de origem de nosso sistema republicano, que faz do Chefe do Poder Executivo imperador sem cetro, compromete o Estado, perturba as relações entre os Três Poderes e desmerece o Parlamento, seja no exercício de fatos graves, até corruptíveis, seja no emprego de coação.

Livre dessas amarras, e delas, esperamos em breve, livres, o Parlamento, como queria Ulysses, encontrará a sua essência e se conformará à sua razão. É no exercício de sua gravíssima responsabilidade, de interpretar, impor a vontade da Nação, que o Congresso se redimirá, para redimir o povo.

Sr. Presidente, senhoras e senhores, duas linhas traçam o destino e o caráter de Ulysses. Quem o visse bem, nele identificaria a verticalidade moral, mas veria também, no seu apego ao povo, a linha horizontal da democracia. São essas linhas, a que marca o compromisso com a igualdade essencial entre todos os homens e a que revela a única diferença elogável, a altivez do caráter, destacamo-no como um dos maiores parlamentares da História desta Nação. Ele foi um pouco de Mirabeau e de Siéyès, um pouco, praticamente, dos grandes homens da humanidade.

Ao relembrar Mirabeau, relembraremos o título que recomenda para os membros da Assembléia Nacional, em seu discurso de 15 de junho de 1789: "Tal deve ser — dizia o grande orador — na minha opinião, a fórmula que segue: representantes do povo francês. Quem pode disputar esse título?"

Quem pode disputar esse título? Que título pode ser mais alto? O dos reis, que se dizem representantes de um Deus tão próximo dos fortes e tão distante do povo? O dos tiranos, que representam a violência liberticida? Ulysses, senhores, foi, como todos nós, mais do que todos nós, representante do povo brasileiro.

Ele, no seu respeito à representação popular, podia repetir, como Cavour, que a pior das câmaras vale muito mais do que a melhor das antecâmara. E a luta desta Nação, Sr. Presidente, luta na qual se destacou o grande paulista de Rio Claro, não foi outra senão a de retirar o poder das antecâmara, para que esta Casa e este Congresso possam exercê-lo na sua plenitude.

Senhoras e senhores, nas tribunas, palanques e coretos Ulysses não discursava. Ulysses pregava. Mais que político, Ulysses era apóstolo sempre e, às vezes, transformava-se em profeta.

Dos algozes que ocupavam o poder exigia respeito; aos adversários de idéia, advertia; aos companheiros de luta clamava e estimulava, e ao povo impelia sempre para frente, rumo às conquistas indispensáveis à cidadania.

Mesclando em si as personagens de Homero e Cervantes, soube, a um só tempo, ser Ulysses de Tróia e Quixote de La Mancha, sem jamais deixar de ser ele próprio, o Ulysses Guimarães de nosso tempo, personagem de carne, osso e ideais, dentro de uma realidade contra a qual, quando necessário, combateu com suas armas prediletas: a garra e a palavra.

Poucos homens, muito poucos homens, conseguem alterar o curso dos acontecimentos de uma nação. Ulysses mudou o Brasil. Com certeza, este Brasil não é o país dos nossos sonhos e dos nossos ideais, mas, inegavelmente, é bem melhor do que era antes de ele atirar-se, movido por seus delírios patrióticos, na direção das liberdades democráticas e da conscientização popular.

A rigor, ao declarar promulgada a Constituição, bem poderia dar por concluída a tarefa de mudanças que a si mesmo

impôs, mas preferiu continuar a sua aventura de viver. Coerente com a condição de ouvidor dos anseios da Nação, converteu-se no mascate da tese parlamentarista.

Ao defender a plenitude democrática, sustentou que nada justifica a exclusão de qualquer pessoa do processo eleitoral.

Como Lincoln, dizia ser o voto a arma mais importante do cidadão. Por isso, explicava: "A CIDADANIA COMEÇA NO ANALFABETO."

Se o debate feria questões constitucionais, estava sempre pronto a demonstrar a supremacia do homem sobre o Estado. Daí não ter jamais admitido a violência estatal contra qualquer pessoa. E Ulysses ensinava: "A INJUSTIÇA CONTRA UM É A AMEAÇA CONTRA TODOS."

Atento às questões sociais, nunca se conformou com a precariedade do ensino e com o descaso oficial para com as crianças oriundas das classes menos favorecidas. Chamou a atenção, em várias oportunidades, para o fato de que "NÃO HÁ UM SÓ EXEMPLO DE NAÇÃO FORTE SEM BOM SISTEMA DE EDUCAÇÃO". E comentava a dolorosa situação das crianças abandonadas, ponderando: "É este um tema do qual só podemos falar com a cabeça baixa, os olhos no chão."

Com a autoridade de quem tinha os pés calejados por tantas andanças pelo País e via nas desigualdades econômicas e sociais um sério risco à unidade nacional, registrou sua advertência: "Quando as elites políticas pensam apenas na sobrevivência do poder oligárquico, colocam em risco a soberania nacional. A governabilidade está no social. A fome, a miséria, a ignorância, a doença inassistida são ingovernáveis."

Em várias de suas prédicas, dentro e fora do Parlamento, ensinou: "Só é cidadão quem ganha justo e suficiente salário, lê e escreve, mora, tem hospital e remédio, lazer quando descansa. O inimigo mortal do homem é a miséria. Não há pior discriminação do que a miséria. O estado de direito, consectário da igualdade, não pode viver com o estado de miséria. Mais miserável do que os miseráveis é a sociedade que não acaba com a miséria."

Federalista, resumiu em três frases as suas preocupações com esta questão. "A federação é a unidade na desigualdade, é a coesão pela autonomia das províncias, comprimidas pelo centralismo. Há o perigo de serem empurradas para a secessão. Enquanto houver Norte e Nordeste fracos, não haverá na União um Estado forte, pois que fraco será o Brasil."

Se, para muitos, a política é uma arte, para ele sempre foi um contínuo ato de fé. Aliás, foi nesse sentido que com a política viveu e dela fez a matéria-prima com que forjou a sua irrepreensível vida pública.

Quarenta e cinco anos de atividade parlamentar tornaram — no mais do que um Membro do Parlamento. Mesmo em vida, era o seu símbolo. Pode-se dizer que construiu com o Congresso Nacional uma simbiose: Ulysses era o Legislativo, o Legislativo era Ulysses.

Sr. Presidente, Sr's e Srs. Parlamentares, e familiares de D. Mora e Ulysses:

Deixei para o final as minhas recordações afetivas. Todo mundo sabe do carinho, do apreço, a admiração que tinha por Ulysses Guimarães. Fui daqueles que o teve como mestre. Tive, ao longo da vida, nos bons e nos maus momentos, a emoção do seu conselho e da sua orientação. Muitos foram iguais a mim. Se eu perguntar aos gaúchos que se encontram aqui se na História do Brasil existiu um brasileiro que foi mais vezes ao Rio Grande do Sul que Ulysses Guimarães, eu duvido, porque dezenas e dezenas de vezes Ulysses Guima-

rães ali esteve. Mas, se eu perguntar a qualquer patriota, de qualquer Estado da Federação, a resposta será a mesma: Dezenas e dezenas de vezes, Ulysses percorreu este País.

Será que alguns dos senhores já se deram conta, pararam para pensar exatamente sobre isso? Não há, na História deste País, nenhum homem público que, não tendo ocupado cargo algum no Executivo — não foi Presidente, não foi Governador, foi um homem de partido —, tenha andado, tenha viajado ou percorrido os caminhos do Brasil tantas vezes quanto Ulysses Guimarães. Lá, no Rio Grande, tenho certeza que os senhores dirão a mesma coisa.

Ele vinha nas horas amargas, ele vinha nas horas difíceis, ele vinha nas horas de sofrimento, nas horas da interrogação, quando todos se perguntavam se valia a pena continuar. Ulysses vinha para nos dar forças.

Quando houve uma série de cassações no MDB do Rio Grande do Sul e se iniciou um movimento para a auto-extinção do partido, lá estava Ulysses para dizer: — É preciso continuar!

Quando houve as cassações — nós tínhamos o governador praticamente eleito — para impedir-nos — quiseram nomear um governador; queriam dissolver o partido e queriam votar em branco — lá estava Ulysses para dizer: É preciso continuar!

Em cada Estado — companheiros que aqui estão podem dizer o que eu vou falar — onde o Dr. Ulysses fosse acontecia algum desastre; mais de uma vez, umas sete ou oito vezes, aconteceu no Rio Grande do Sul de o carro rolar várias vezes e cair lá embaixo, no precipício, e Ulysses levantar, arregaçar as mangas e entrar em outro carro e continuar; ou entrar em um avião monomotor — nós éramos oposição contra o regime da violência e do arbítrio —, voar com tempestades e milagrosamente sair do outro lado! Mais de uma vez Ulysses fez isso. Foram tantas as vezes que Ulysses nasceu de novo no Rio Grande do Sul — e falo no Rio Grande porque é o meu Estado, mas se eu perguntar à Bahia, a Pernambuco, a Alagoas, ao Acre, a Rondônia, a qualquer Estado, os senhores haverão de dizer a mesma coisa: — Lá ele também esteve!

Por isso que, de certa forma, entendo o que muita gente não entende: — Mas como não o aconselhavam de que não era hora, que não devia entrar no aparelho? E por que entrou? Mas foram tantas as vezes que ele o fez, foram tantas as vezes que ele aceitou o desafio, que, este, ele sempre enfrentou. No meu caso — e tenho certeza que de muitos companheiros — o Dr. Ulysses estava sempre aqui, nas horas difíceis; senão com a presença física, num telefonema, ou em uma carta, ou em um conselho.

Eu não me lembro do Dr. Ulysses nas horas de glória; eu não me lembro do Dr. Ulysses nas horas de festa, mas eu não consigo lembrar um momento difícil sem que nós não tivéssemos a presença do Dr. Ulysses. Não consigo lembrar um momento de desafio, um momento de garra, um momento de luta, que não tivesse a palavra e a orientação do Dr. Ulysses.

Vejam que ele não foi Presidente, não foi Governador, não participou de eleição majoritária. Mas, se recorrermos à História, vai ser muito difícil encontrarmos nomes que se identificam no seu estímulo, na sua vontade e na sua garra: Ulysses Guimarães. Não me lembro de ver Ulysses Guimarães pensando em bens, em casa, quanto é que ganharia no fim do mês, o que poderia fazer, o que poderia deixar de fazer, o carinho e o afeto que ele tinha pelos seus filhos, pela sua família, preocupado com isso e com aquilo. Lembro-me de D. Mora dizer que dos bens que ela tinha, que eram seus,

ela tinha de tirar os do Dr. Ulysses, porque, em termos de aluguel, ficava dois ou três anos com o mesmo aluguel, porque ele não tinha nenhuma preocupação com essas questões.

Esse era o Dr. Ulysses!

É muito difícil encontrarmos uma pessoa como o Dr. Ulysses. Porque, se um dos senhores se aproximar dos íntimos, conversar com as pessoas que jantavam, que conversavam e dialogavam com ele na maior intimidade — a sua Mora, os seus filhos —, todos dirão da sua preocupação com o seu País. Duvido que apontem, em toda a existência do Dr. Ulysses, um ponto que não seja a dignidade, a seriedade, a preocupação com este País, com a sua liberdade e com os problemas da sua sociedade.

Ulysses era o grande homem público, mas nunca deixou de ser o homem de sua casa, de sua mulher, de seus filhos, os filhos de Dona Mora trazidos para o seu afeto. Era também Ulysses o amigo de seus amigos, o chefe que impunha sua autoridade, com as mãos mansas, a voz serena e o exemplo do trabalho.

Ele sabia repartir-se, embora desse mais de sua vida ao País, ao nosso Brasil. Como tantos outros homens de seu tempo e de seu compromisso, Ulysses espantava o sono com o dever. E, mesmo nas horas mais amenas, ao lado dos mais íntimos amigos, a política estava presente.

Ele sabia que a paz, como dizia Tancredo, é a esquiva conquista da razão política. E que, para promovê-la, é necessário, muitas vezes, recorrer à bravura. Foi o que ele fez nos tempos do regime da força, quando sua autoridade moral afastava as baionetas e silenciava o ladrar e o rosnar dos caés!

Ele guarda no seu desaparecimento o símbolo transcendental dos esperados. Tal como D. Sebastião, provavelmente levado pelas águas do rio El Makhazin, do Saara ao vasto abismo atlântico, o mar nos negou um corpo a velar, e, com isso, nos deu a ilusão do seu retorno.

Recordo-o com a dor de todas as saudades, mesmo sentido-o aqui entre nós. Nos plenários e corredores deste Congresso, seu corpo cansado continua desfilando a imponência e o carisma do grande homem, que recebeu, uma semana antes do seu último vôo, a homenagem das crianças no dia que completava 76 anos.

Mas o “velhinho”, como já sabia que era chamado, ainda tinha muito a dar. Exemplo disso foi o telefonema recebido de Vossa Excelência, Presidente Itamar Franco, em Angra, horas antes de sua morte. Mesmo no seu descanso, era comum ser procurado por aqueles que buscavam a sua palavra, os seus conselhos e as suas opiniões.

Ao seu lado, a figura doce da companheira de todas as horas, D. Mora, esposa amiga e cúmplice. Ela, que milhares de vezes ficou em casa, quando ele saiu podendo não voltar, estava com ele o tempo todo durante a derradeira viagem.

Perdoem-me os familiares, mas quando o corpo de D. Mora Guimarães foi encontrado só, tive o pressentimento, que vai-se confirmando: Ulysses não permitirá que o encontrem...

Ao deixar a Presidência do PMDB, em discurso célebre, avisou: “Vou livre como o vento, transparente e cantando como a fonte. Desço. Vou para a planície, mas não vou para casa. Vou morrer fardado, não de pijama”.

E assim ele fez. Confirmado que “viver não é preciso”, entregou-se, após uma vida digna e profícua, à morte inexorável. Estava na liça e segue a navegar, pois é preciso. Certa-

mente há de estar caminhando “rumo ao sol, que é luz, não rumo à lua, que é noite.”

Ulysses Guimarães fez tudo isso. E fez mais. Lutou para mudar o Brasil. Consegiu. Não será apenas uma lembrança efêmera. Ficou eterno.

Vá em frente, Ulysses; vá em frente, amigo; vá em frente, companheiro; vá em frente, conselheiro; vá em frente, líder; vá em frente, mestre; vá em frente, irmão. Singra teus mares! Deus te abençoe!

A Pátria e todos nós atestamos: Cumpriste o teu dever! Por aí haveremos de tê-lo na alma, no sentimento e na saudade, sabendo que em qualquer momento, estejamos onde estivermos, nas horas difíceis, a palavra, a orientação, a fé, a presença de Ulysses Guimarães haverá de nos confortar.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Muito bem! Palmas prolongadas. O orador é cumprimentado.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Ibsen Pinheiro, que falará em nome da própria Casa que preside.

O SR. IBSEN PINHEIRO (Presidente da Câmara dos Deputados.) — Excelentíssimo Senhor Itamar Franco, Vice-Presidente da República no exercício do cargo de Presidente; Exmº Sr. Mauro Benevides, Presidente do Senado Federal e desta sessão solene; Exmº Sr. Sydney Sanches, Presidente do Supremo Tribunal Federal; Sr. D. José Freire Falcão, Arcebispo de Brasília; Srs. Chefes de Missões Diplomáticas estrangeiras que nos honram com suas presenças; Exmº Sr. Joaquim Roriz, DD. Governador do Distrito Federal; Srs. Ministros de Estado; Srs. Ministros do Supremo Tribunal Federal; Sr. Governador em exercício do Estado de São Paulo, Sr. Aloysio Ferreira; Sr. Governador de Goiás, Sr. Iris Resende; Sr. Presidente Nacional do PMDB, o Partido de Ulysses Guimarães, Orestes Quêrcia; Sr. Michael Marshal, Presidente do Conselho da União Interparlamentar; Sr. Pierre Cornillon, Secretário-Geral da União Interparlamentar; Srs. Delegados da União Interparlamentar; Dr. Tito Henrique da Silva Neto; D. Celina Campelo e demais familiares de Ulysses Guimarães; Srs. Líderes partidários; Srs. Deputados; Srs. Senadores; Senhoras e Senhores — e permitam-me acrescentar à lista protocolar que rende homenagem plena a Ulysses Guimarães, nomes que simbolizam os assessores que o acompanharam: Oswald Manicardi e Carla. E se fosse escolher amigos de Ulysses Guimarães para significar, nesta hora, um homem que não temia adversários, mas que não fez inimigos, precisaria lembrar Renato Archer, seu amigo-irmão; não citaria toda esta Casa, mas não esqueceria Luiz Henrique, discípulo fiel e constante; procuraria sublinhar o significado da presença de Pedro Simon nesta homenagem, seu companheiro e amigo de duas, ou mais, décadas de convivência plena e confiança recíproca.

Nesta tribuna, que Ulysses Guimarães frequentou nos grandes momentos deste País e da História recente de nosso povo, também ouvimos tantas e tantas vezes atento, participante, as questões aparentemente menores da nossa rotina parlamentar. E é desta tribuna que ele dignificou, falando à Nação em momentos culminantes e também pela presença do parlamentar atento que superava o próprio paradoxo que ele apontava, quando nos dizia — e lembrado há pouco por Pedro Simon: — “Torna-se pequeno, quem pensa pequeno”. Mas ninguém mais atento do que Ulysses Guimarães a todos os aspectos, detalhes, às vezes, pequenos do processo político e parlamentar, porque ninguém, como ele, tinha a intuição

de o quanto os problemas pequenos, às vezes, se agrandam, se agigantam, para tornarem-se imensos obstáculos.

Desta tribuna, que ele ocupou, a Casa que ele integrou por mais de 40 anos, traz a sua voz para homenageá-lo. E confesso a dificuldade deste que procurou aprender com ele e que nas suas limitações encontram, no entanto, no exemplo de Ulysses, a inspiração para esta hora. A inspiração extremamente difícil de encontrar qual Ulysses privilegiar nesta lembrança; que Ulysses buscar na memória ou mesmo nas notas taquigráficas desta Casa ou ainda na sua variadíssima obra de orador, pensador. Que Ulysses buscar? Qual deles, neste plenário que hoje tem o seu? Qual deles, neste plenário que assinará, com o seu nome, todas as nossas decisões desta data em diante, graças a proposta inspirada do Deputado Luís Eduardo Magalhães, desde logo acolhida por todos os partidos desta Casa, patrocinada pela Mesa e consagrada pelo Plenário?

Qual, qual Ulysses do seu talento multifacético privilegiar nesta hora? O humanista, que nos surpreendia e iluminava com a lembrança, a citação ou a referência de momentos cume da humanidade, fazendo com tanta freqüência na aparente ligeireza de uma conversa de corredor? Quem sabe o latinista exemplar? O orador brilhante, tanto mais agigantado quanto mais agudo o tema que o motivava? O Homem-Estado, Presidente desta Casa várias vezes, Presidente da República interinamente inúmeras vezes? O Jurista, com a sua formação brilhante a serviço de uma intuição política inexcedível? Confesso minha preferência pessoal, se fosse escolher um aspecto de Ulysses: aquele que se expressava quando ele garimpava as palavras para escolher a mais simples e mais precisa, aquela que no seu universo era capaz de ser ao mesmo tempo o conceito e a elegância, a graça e a profundidade. O autodenominado mascate encontrava na expressão mais simples conteúdo mais rico. Esse Ulysses a mim sempre me fascinou de um modo muito profundo. Por isto vacilo em escolher qual Ulysses trazer à lembrança, na homenagem que lhe presta a sua Casa. Talvez, devesse adivinhar o seu pensamento e o homem que resumiu todas essas qualidades e atributos se definia a si mesmo como o político Ulysses Guimarães, o caçador de nuvens, às vezes colhido por tempestades, como ele mesmo nos dizia. O político-síntese dessas qualidades, o político que ele foi. Como definir, também, Ulysses se não pelos paradoxos que ele sempre soube, como ninguém, superar pela síntese do seu exemplo.

Ocorre-me, quando falo de Ulysses, a frase perfeita para ele de Frei Manoel Bernardes: "Não há forma mais firme e mais suave de comandar do que pelo exemplo". Este era Ulysses. O aparente paradoxo dos conceitos, ele os superava pelo gesto-síntese. Em Ulysses, a bravura não era a bravata, era simples, despojada e constante.

A eloquência, em Ulysses, não era a loquacidade dos que desprezam a palavra pelo varejo com que a depreciam.

Em Ulysses, o destemor nunca era a temeridade, e a prudência jamais foi a timidez.

Em Ulysses, a altivez que o caracterizava jamais significava a arrogância que a tantos diminui.

Em Ulysses, o pequeno tornava-se grande, e a sua atenção para todas as questões que ao homem interessam parecia quase que citar permanentemente Terêncio, lembrado por Marx, para nos sublinhar que nada que seja humano nos será estranho.

Ulysses conjugava sua dedicação aos assuntos da sua Pátria com a capacidade devê-la na projeção da humanidade,

sem descuidar do gesto de atenção para com o colega, às vezes o jovem colega que se aproximava dele, talvez como nós todos nos últimos anos, com um misto de admiração e fascínio. Antes de chegarmos a ele próprio, um pouco de medo, quem sabe, da sua grande figura, o que logo se desfazia pela invariável afabilidade.

Esse Ulysses, desmanchador de paradoxos pelo seu exemplo, é o que queremos e talvez não consigamos sintetizar pelas palavras; as palavras do seu poeta Fernando Pessoa, da sua freqüência e da sua preferência:

"As palavras não expressam todo o pensamento, assim como todo o pensamento não expressa a realidade."

O sentimento que nos une aqui neste plenário superlotado, nesta Casa superlotada, nesta Casa que hoje se chama Ulysses Guimarães, haverá de encontrar — muito mais do que pelas palavras, pelos sentimentos que nos une — a possibilidade, não de defini-lo, mas de senti-lo, e senti-lo presente.

Lembrar as qualidades de Ulysses é lembrar também as qualidades que ele apreciava. Quando se exige de um homem público tantos atributos, desde o conhecimento específico de alguns temas, até a capacidade de generalizar a todos; quando se exige de um homem público, às vezes, a força física de um trabalhador braçal, a maturidade, a tranquilidade, o engenho, mas também a audácia, Ulysses, entre tantas qualidades, definia uma como a mais importante nos homens públicos: citava Winston Churchill para dizer que nenhuma virtude é tão importante, na vida pública, quanto a coragem.

E acrescentava com grandeza peculiar à citação de Winston Churchill o seu próprio conceito, que lhe dava riqueza exponencial: "Sem a coragem, as demais virtudes falecem".

Coragem marcou Ulysses Guimarães; a coragem serena que não se comprazia de exhibir-se, mas que se praticava como exemplo, não para confrontar com a timidez de terceiros, mas, ao contrário, para alçar a todos a mesma coragem que marcava a sua atuação. Esse foi Ulysses Guimarães.

Vejam um perfil:

"Na vida pública, consideração não se adquire por nascimento nem por fortuna, mas unicamente pelo mérito. Não são as distinções sociais e sim a competência e o talento que abrem caminho às honrarias".

São palavras para Ulysses ditas três séculos antes de Cristo por Péricles.

Ulysses era isto: ele era a sua própria estátua; ele era o símbolo das qualidades que professava e não um símbolo estático das estátuas mortas no frio do mármore; um símbolo vivo.

Esta Casa o homenageava diariamente. Não sei se me faço entender por aqueles que não freqüentam essas bancadas: nós o homenageávamos diariamente pelo tratamento igual que nos dava e lhe dávamos, com o respeito que lhe dedicávamos. Ainda assim, a nenhum de nós ocorria tratá-lo como instituição que não freqüentasse as nossas inquietações diárias. Prestávamos-lhe, sim, a homenagem diária de considerá-lo um militante diário das nossas angústias, inquietações e também das nossas esperanças.

Em Sêneca, encontro uma formulação igualmente adequada à figura de Ulysses: "A fama, a imagem? A fama não deve ser o norte que nos guia, mas a sombra que nos segue".

Assim era a imagem de Ulysses: um produto da sua vida; não uma criação de quem quer que seja. Não perseguia a imagem; ela resultava do que ele fazia. A imagem era a projeção do gesto que o caracterizava.

E, nesta hora, que tem tanto de tristeza, certamente a nossa homenagem não se volta só para trás, não se volta apenas para lembrar Ulysses; ela tem a vocação do futuro. Como o próprio Péricles, que quando falava dos heróis mortos, falava para os pósteros; como Lincoln, em Gettysburg, que falava para o futuro, para nós que aqui estamos, vamos falar de Ulysses também para os que virão.

E o sentido desta sessão, o sentido da homenagem desta Casa é a busca do simbolismo que haverá de transformar o seu exemplo, a sua história, as suas palavras, a sua atuação parlamentar, a sua vida pública num patrimônio muito claro, muito expresso; diria mesmo num patrimônio capaz ao mesmo tempo de estar no sentimento de cada um de nós e na própria consciência coletiva da nossa terra para que seja não apenas a lembrança, não apenas a lembrança doce e amarga pela distância, mas, sobretudo, a lembrança criadora, capaz de influir para melhor os tempos que estamos construindo para o futuro.

"A morte é o começo da imortalidade". na definição de Robespierre. Ulysses construirá em vida a sua imortalidade.

Um último simbolismo foi o modo do seu desaparecimento, como ele próprio previra, fardado, na lembrança de Pedro Simon. Com humor característico dizia: "Não me esquecerá de morrer", tendo desaparecido no seu trabalho, na sua luta, na sua rotina mesmo; tendo desaparecido do nosso convívio.

Naquela hora extrema, alguns simbolismos merecem lembrança especial. D^a Mora, companheira de uma vida, parceira das angústias, nas amarguras da vida pública, mas parceira também da esperança. Um simbolismo que certamente sua família recolhe e guardará como um tesouro afetivo insustituível: o simbolismo de terem encontrado o fim no mesmo lugar, no mesmo momento.

E o simbolismo especial, Simon, que tu lembraiás aqui, de não se haver destinado a história de Ulysses a uma tumba — destino de todos nós. De Ulysses, não; aquele rastro lumi-

noso que marcou a sua vida não deveria findar por trás de uma lousa fria. Deveria, em vez de dissolver-se, impregnar-se, na própria imensidão do ambiente da Pátria, para que sua última morada fosse a imensidão do mar, um túmulo do tamanho de Ulysses Guimarães. (Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Ao término desta comovente solenidade em que se homenageou a memória imperecível do extraordinário homem público que foi Ulysses Guimarães, desejo agradecer, em meu nome e em nome do Presidente da Câmara dos Deputados Ibsen Pinheiro, do Secretário da Mesa do Congresso, Deputado Inocêncio Oliveira, a presença do Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, no exercício da Presidência, Doutor Itamar Franco; do Sr. Ministro Sydney Sanches, Presidente do Supremo Tribunal Federal; dos Ministros de Estado; dos Ministros que integram os Tribunais Superiores; dos Embaixadores que aqui estão; do Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz; do Governador de Goiás, Íris Resende; do Governador de São Paulo, Aloysio Nunes Ferreira Filho. Agradeço a presença das delegações da União Interparlamentar, através dos seus dirigentes, dos seus delegados. Agradeço, enfim, a presença de todas as autoridades; do Cardeal Arcebispo de Brasília, Dom José Freire Falcão; e, naturalmente, à família do Dr. Ulysses, que se deslocou de São Paulo para participar desta grande homenagem ao extraordinário brasileiro que foi Ulysses Guimarães.

O Presidente da República será conduzido até à exposição de fotografias alusivas ao evento, pelo Presidente da Câmara dos Deputados e pelos mesmos Líderes partidários que trouxeram-no do Gabinete da Presidência do Congresso até este recinto.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 11 horas e 35 minutos.)

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

PREÇO DE ASSINATURA

(Inclusas as despesas de correio via terrestre)

SEÇÃO I (Câmara dos Deputados)

Semestral Cr\$ 286.706,00 até 1º/11/92

SEÇÃO II (Senado Federal)

Semestral Cr\$ 286.706,00 até 1º/11/92

J. avulso Cr\$ 2.048,00 até 1º/11/92

Os pedidos devem ser acompanhados de cheque pagável em Brasília, Nota de Empenho ou Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal – Agência 1386 – PAB-CEGRAF, conta corrente nº 920001-2 e/ou pelo Banco do Brasil – Agência 0452-9 – CENTRAL, conta corrente nº 55560204/4, a favor do

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

**Praça dos Três Poderes - Brasília - DF
CEP: 70160-900**

Maiores informações pelos telefones (061) 311-3738 e 311-3728 na Supervisão de Assinaturas e Distribuição de Publicações - Coordenação de Atendimento ao Usuário.

REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA

JANEIRO A MARÇO 1991
ANO 28 - NÚMERO 109

Em circulação com estas matérias:

HOMENAGEM

Luiz Viana Filho - *Edivaldo M. Boaventura*
Afonso Arinos - *Jarbas Maranhão*

COLABORAÇÃO

A reforma monetária cruzeiro - *Letacio Jansen*
O planejamento na economia brasileira - *Clovis V. do Couto e Silva*

Os valores e a Constituição de 1988 - *Eduardo Silva Costa*

A Constituição Brasileira de 1988; subsídios para os comparatistas - *Ana Lucia de Lyra Tavares*

Inovações constitucionais - *Silveira Neto*

O pluralismo jurídico na Constituição de 1988 - *Sílvio Dobrowolski*

A segurança pública na Constituição - *Diogo de Figueiredo Moreira Neto*

A Constituição Federal de 1988 e o mandato de segurança contra ato judicial - *Alvaro Lazzarini*

A propósito da extradição: a impossibilidade do STF apreciar o mérito do processo de extradição, indisponibilidade do controle jurisdicional na extradição - *Negi Calixto*

Cinco temas controvertidos do Direito Penal - *Edilson Pereira Nobre Júnior*

O Direito Internacional e os Direitos dos Povos - *Pedro Pinto Leite*

O "status" jurídico dos países sem litoral e as regras da Convenção de Montego Bay

sobre o Direito do Mar - *Georgenor de Souza Franco Filho*

Sobre o Direito Natural na Revolução Francesa - *Marcela Varejão*

"Ermächtigung": proposta de leitura da hermenêutica na Teoria Pura do Direito - *Gladston Mamede*

Direito Romano em Gramsci - *Ronaldo Poletti*

A filiação ilegítima e a constituição de 1988 - *Clayton Reis*

Solidariedade e fiança - *Arnoldo Wald*

Proteção jurídica das embalagens - *Carlos Alberto Bittar*

Contratos estipulados por computador: declaración de voluntad. Forma y momento de su perfeccionamiento - *Daniel E. Moeremans y Carlos E. Saltor*

A Ação Civil Pública no Estatuto da Criança e do Adolescente - *Hugo Negro Mazzilli*

Recurso adesivo e ordem constitucional: são compatíveis? - *José Pitas*

A arte e o obsceno - *Everardo da Cunha Luna*

A PMCE, os servidores militares e a Carta Estadual/89 - *Adauto Rodrigues de Oliveira Leite*

O Conselho Constitucional Francês: ator da lei, mas nunca seu autor! - *Paulo Rodrigues Vieira*

Os Direitos Fundamentais na Lei Fundamental de Bonn - *Luis Afonso Heck*

À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas - Senado Federal, Anexo I, 22º andar - Praça dos Três Poderes, CEP 70160 - Brasília, DF - Telefones 311-3578 e 311-3579.

Os pedidos a serem atendidos através da ECT deverão ser acrescidos de 50% (cinquenta por cento) de seu valor para a cobertura das respectivas despesas postais e acompanhados de cheque nominal à Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal ou de vale postal remetido à Agência ECT do Senado - CGA 470775.

CÓDIGO DE PROTEÇÃO E DEFESA DO CONSUMIDOR

- Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990 - Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências
- Dispositivos vetados e razões dos vetos
- Legislação correlata
- Índice temático

Lançamento
Cr\$ 800,00

À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas - Senado Federal, Anexo I, 22º andar - Praça dos Três Poderes, CEP 70160 - Brasília, DF - Telefones 311-3578 e 311-3579.

Os pedidos a serem atendidos através da ECT deverão ser acrescidos de 50% (cinquenta por cento) de seu valor para a cobertura das respectivas despesas postais e acompanhados de cheque nominal à Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal ou de vale postal remetido à Agência ECT do Senado CGA 470775.

**Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 07/1203
Brasília — DF**

EDIÇÃO DE HOJE: 16 PÁGINAS